

SUSTENTA! REFLEXÕES SOBRE TRABALHO DOCENTE COLETIVO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO DISTRITO FEDERAL¹

Gabriela da Silva Azevedo, Maria Rita Avanzi. Universidade de Brasília/UnB, Núcleo de Educação Científica do IB; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. gabrielasedf@gmail.com , mariarita@unb.br

Eixo temático: 2. Formação docente e sustentabilidade ecológica sob o olhar da complexidade e da transdisciplinaridade

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa-ação realizada junto a / e por um grupo docente de uma escola de ensino fundamental da cidade do Paranoá, Distrito Federal, Brasil. Os focos de reflexão estão no trabalho docente coletivo, nas dimensões da sustentabilidade, e na educação ambiental escolar, abordados a partir da complexidade. Foram registrados os caminhos da constituição de um grupo de trabalho e estudos e da inserção do debate acerca da educação ambiental e da sustentabilidade na unidade escolar. O histórico da instituição e das ações relacionadas à temática ambiental foi considerado como importante substrato para escolha dos passos e dos temas abordados em um curso, denominado Sustenta!

Palavras chaves: pesquisa-ação, grupo, formação docente.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se fundamenta em reflexões sobre a importância do trabalho docente coletivo na estruturação de projetos de Educação Ambiental (EA) e sustentabilidade em escolas de educação básica. As ações educativas coletivas em torno da temática ambiental foram compreendidas como oportunidade para tratar o tema em sua complexidade no ambiente escolar, e, dessa forma, contribuir para a integração diferentes áreas de conhecimento e promover a educação ambiental como tema transversal, como previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998).

Conforme registrado por Santos (2010), projetos coletivos se configuram como oportunidade de integração tanto entre docentes de uma escola como entre a escola e a comunidade. Guimarães *et al* (2009) indicam que ações individualizadas de professores geralmente produzem resultados pouco significativos e ampliam o sentimento de impotência desses educadores. Defendem, portanto, a realização de projetos coletivos

¹ Este trabalho é parte integrante da dissertação desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília

em cada escola e também em uma rede de instituições escolares. A intenção desse movimento não é apenas a de criar uma soma de ações individualizadas, mas buscar “uma ação conjunta de um coletivo que interaja de alguma forma em suas práticas” (GUIMARÃES *et al*, 2009).

O planejamento de ações contínuas e integradas de EA no ambiente escolar está respaldado também por uma conexão com o projeto político pedagógico (PPP) da instituição. Desde 2005, o Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA (BRASIL, 2005) traz entre as linhas de atuação e estratégias: a formação de educadores e educadoras ambientais, a inserção da EA nas instituições de ensino com a inclusão nos projetos políticos pedagógicos e a reestruturação da educação em direção à sustentabilidade. Desafios como descontinuidade dos projetos em EA, falta de motivação docente, dificuldade de articulação em grupo e entraves na comunicação derivam de um contexto que leva ao isolamento de alguns professores que atuam com essa temática, geralmente restrita às aulas de geografia e ciências naturais, e, conseqüentemente, na ausência de um projeto docente coletivo que represente as demandas da escola e facilite a integração das disciplinas. Um PPP que faça parte efetivamente da rotina da escola.

Esta investigação buscou acompanhar o trabalho desenvolvido em uma escola pública de ensino fundamental, na cidade de Paranoá-DF, Brasil, com o objetivo de contribuir com reflexões a respeito da importância do trabalho docente coletivo na estruturação de projetos de EA e sustentabilidade nesta e em outras instituições escolares. Visou repensar as relações e a comunicação entre os docentes, para ampliar as possibilidades de trabalhar a complexidade do tema. O grupo de professores envolvido com o trabalho buscou, dentro da experiência vivida, articular as iniciativas que já existiam, para sair de um aglomerado de projetos isolados para a construção de um programa comum, na tentativa de aperfeiçoar as ações futuras.

Com base no exposto, configuram-se algumas questões de pesquisa: Diante dos desafios e possibilidades levantados no acompanhamento da rotina escolar, como construir coletivamente uma proposta de EA e sustentabilidade para uma escola pública? Quais contribuições a formação de um grupo docente de trabalho e estudos sobre EA e sua atuação na estruturação de um projeto coletivo de sustentabilidade podem trazer para a inserção dessas temáticas no PPP da escola e nas práticas pedagógicas?

SOBRE AR, CORES E NUVENS: REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA

Nesta investigação, a EA é compreendida como uma ação-reflexão alicerçada em trabalhos coletivos, como busca por superar o foco de mudanças de comportamentos individuais rumo a uma noção de formação de atitudes por sujeitos inseridos politicamente. Trata-se de uma EA focada, portanto, nas relações que se estabelecem no ambiente escolar e na sociedade. Parte da compreensão do contexto socioeconômico e cultural como um dos aspectos da problemática ambiental, portanto trata-se de uma concepção de EA que não separa natureza e cultura. Ambiente vai além da ideia de uma natureza intocada, configura-se nas relações entre natureza e sociedade.

A educação escolar é aqui considerada como condição indispensável para a sustentabilidade. Essa educação formal encontra desafios que não se restringem ao tratamento da questão ambiental, mas se mostram em sentido mais amplo e que, muitas vezes, dificultam práticas de EA como almejamos. Dentre esses desafios, podemos citar a formação docente (LIMA, 2013) e suas limitações para tratar uma visão complexa de ambiente (MORIN, 2011), restringindo-se a abordagens ainda compartimentalizadas, o que reflete nas práticas escolares. Segundo Morin (2011), a complexidade é:

como um tecido de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas, que se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza. A dificuldade do pensamento complexo é que ele deve enfrentar o emaranhado (o jogo infinito das inter-retroações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição. (MORIN, 2011 p.13 e 14)

Leff (2001, p. 243) diz que a EA está longe de ter penetrado e trazido uma nova compreensão do mundo no sistema educacional formal e aponta como necessária uma visão de multicausalidade e de inter-relações dos diferentes processos que integram o mundo para a compreensão da complexidade, gerando um pensamento crítico e criativo.

Mas o que precisaríamos mudar/(re)construir para alcançar a almejada sustentabilidade nas escolas? O que queremos com essa tal sustentabilidade? Escolhemos começar com a conceituação de sustentabilidade apresentada por Leonardo Boff (2012, p.1):

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a

atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.

A atitude do cuidado se destaca nesse conceito proposto pelo autor e nos aponta indicativos para mudanças necessárias. Em outro texto, Boff (2011, p. 2) destaca a importância da dimensão do cuidado ao tratar o conceito de sustentabilidade. Afirma que:

(...) se a sustentabilidade representa o lado mais objetivo, ambiental, econômico e social da gestão dos bens naturais e de sua distribuição, o cuidado denota mais seu lado subjetivo: as atitudes, os valores éticos e espirituais que acompanham todo esse processo sem os quais a própria sustentabilidade não acontece ou não se garante a médio e longo prazo. (...) Sustentabilidade e cuidado, juntos, nos mostram um caminho a seguir.

Concordando com Boff, neste estudo foi compreendido que o cuidado é uma das bases da sustentabilidade. A partir da inspiração desses autores supracitados, e considerando também o trabalho de Ignacy Sachs (2000), tratamos aqui a sustentabilidade nas dimensões ecológica, cultural, intersubjetiva, sócio-econômica e política.

As dimensões social e econômica, propostas por Sachs, foram aqui tratadas conjuntamente, compreendendo a melhoria da qualidade de vida da população, a equidade na distribuição de renda com consequente redução das desigualdades sociais, aliadas à compatibilidade entre padrões de produção e consumo, e ao acesso à ciência e tecnologia.

Segundo Sachs (2000, p.86) a dimensão ecológica compreende “o uso de recursos naturais por meio da minimização de danos aos sistemas de sustentação da vida”. Neste trabalho, não consideramos a natureza como recurso, mas como bem comum, portanto aqui a dimensão ecológica compreende as relações biofísicas do ambiente, envolvendo interação entre sistemas e atores sociais e ecossistemas.

As dimensões cultural e espacial propostas por Sachs (2000) foram tratadas conjuntamente como dimensão cultural, que compreende a rede de significados atribuídos ao ambiente pelos sujeitos que com ele interagem, sendo esses sujeitos compreendidos em seus contextos histórico-culturais e territoriais. Envolve o respeito à diversidade de saberes e valores que compõem esses contextos.

A dimensão intersubjetiva não dialoga diretamente com as proposições de Sachs. Foi pensada para demarcar a presença da subjetividade nas relações interpessoais e políticas. Seria uma busca por integrar a dimensão humana em sua complexidade, o que, segundo Morin, “nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias” (Morin, 2012, p. 51). Nesta dimensão são contempladas também as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos em projetos de sustentabilidade na busca por relações horizontalizadas e democráticas. São considerados os modos próprios de pensar o mundo e, principalmente, de pensar a si mesmo e as relações com os outros (CARVALHO, 2004). E, à medida que amplia a capacidade de articulação entre indivíduos, grupos e movimentos, a dimensão intersubjetiva desdobra-se na perspectiva política da EA.

A dimensão política da sustentabilidade estende-se para as relações e negociações entre grupos, desde a organização em foco (no caso a escola), ampliando para as organizações com as quais interage no contexto local (Secretaria de Educação, Região administrativa em que a escola se localiza), regional (no caso, o Distrito Federal e entorno), nacional (esfera federal), global (planeta).

TRAJETÓRIAS DE VOOS: A METODOLOGIA DA PESQUISA

O trabalho se desenvolveu como uma investigação qualitativa com elementos da pesquisa-ação (BARBIER, 2007), a saber: a não separação entre pesquisadoras e pesquisados, a implicação e a escuta sensível.

Sobre o primeiro elemento, os professores participantes desta investigação são também considerados sujeitos da produção do conhecimento. Nesta perspectiva, as pesquisadoras se veem incluídas no campo que investigam e sua ação modifica o objeto estudado (BARROS, 2013).

Ao longo dos dois anos de desenvolvimento do trabalho, buscamos o uso da escuta sensível, procurando, com empatia, nos manter receptivas ao que chegava dos sujeitos envolvidos. O vínculo afetivo de uma das autoras do trabalho com a escola, a proximidade com alguns professores, o engajamento pessoal com relação ao tema evidenciam a nossa implicação com a pesquisa desenvolvida (BARBIER, 2007).

O processo foi acompanhado por meio de observação participante (BOGDAN; BIKLEN, 1994) com a presença periódica na escola de uma das pesquisadoras, que

compunha o grupo de professores, acompanhava a rotina escolar e participava dos espaços de decisão, tais como reuniões de coordenação pedagógica e algumas do conselho escolar. Os registros foram feitos por meio de notas de campo (MEYER, 2008; BOGDAN; BIKLEN, 1994), fotos e gravação em áudio nas diversas etapas da pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa está sintetizado no Quadro 1.

A instituição escolar escolhida, localizada na cidade do Paranoá, recebe alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental, provenientes principalmente das cidades do Paranoá e Itapoã, regiões administrativas do Distrito Federal. Ao todo a escola possui 1294 estudantes no ensino regular nos três turnos, 523 estudantes da Educação de Jovens e Adultos, 30 estudantes de ensino especial e 97 professores.

Quadro 1: Etapas de desenvolvimento da pesquisa

Etapa 1	Encontros periódicos com os professores em reuniões de coordenação –acompanhamento da rotina escolar por meio do registro dos encontros e reuniões. Dessas reuniões periódicas, resultou um grupo de trabalho e estudos (GTE).
Etapa 2	Levantamento do histórico das ações de sustentabilidade desenvolvidas na escola, bem como de projetos e ações relacionados à temática de EA e sustentabilidade. Esse levantamento foi feito por meio de entrevistas exploratórias.
Etapa 3	Realização de um curso no formato de oficinas, para tratar EA e sustentabilidade na escola. Todos os encontros foram registrados em áudio e alguns em fotos.
Etapa 4	transcrição dos registros em áudio e análise do material com base no referencial teórico.
Etapa 5	Devolutiva dos resultados aos professores que participaram do GTE e do curso, visando uma reflexão coletiva e possíveis ajustes.

O curso Sustenta!

O curso foi uma oportunidade de abrir espaço de partilha das inquietações, sentimentos, propostas e ideias, que nos permitiram acessar novos referenciais e pensar a escola em diferentes dimensões. Foi composto por quatro módulos que abordaram temas relacionados à EA e sustentabilidade e os possíveis caminhos para a inserção da temática ambiental no ambiente escolar (Quadro 2). Foi realizado nos horários de coordenação coletiva, às terças-feiras nos turnos matutino e vespertino, durante os meses de agosto e setembro de 2014, totalizando oito encontros de duas horas com a participação de 22 professores.

Quadro 2 - Curso Sustenta!

Módulo I – Abrir os olhos
<i>Objetivos:</i> formar e consolidar um GTE sobre sustentabilidade, fortalecer a temática sustentabilidade e EA na escola e apresentar a cooperação, comunicação e cuidado como possíveis bases para a sustentabilidade.
<i>Primeiro encontro</i>
1. Roda de apresentação
2. Abertura do tema do curso - painel coletivo sobre o que compreendemos por sustentabilidade e EA.
<i>Segundo encontro</i>
<i>Oficina: Comunicação com cuidado: Comunicação Não Violenta (CNV).</i>

<i>Exibição do Vídeo:</i> Dominic Barter sobre CNV e criação de espaços na escola para que as divergências sejam vistas como um processo de crescimento.
Módulo II – Respirar (2 encontros)
<i>Objetivos:</i> Consolidar grupo de trabalho e estudos, construir identidade grupal e mapear áreas de afinidade para inserção da temática da sustentabilidade na escola.
<i>Terceiro encontro</i> 1. <i>Apresentação da Biografia Ecológica</i> 2. <i>Apresentação Sustentabilidade e Escolas Sustentáveis:</i> Gestão, Currículo, Espaço Físico – material da Conferência Nacional Infante Juvenil de Meio Ambiente como subsídio para o trabalho. 3. <i>Onde estamos? — reconhecer potencial do grupo para planejamento:</i> Metodologia FOFA.
<i>Quarto encontro</i> 1. <i>Abertura com a leitura do texto:</i> de Eugênio Giovenardi - <i>Plantar e colher</i> 2. <i>Salto para o Futuro: Espaços educadores sustentáveis</i> - leitura de textos sobre o tema, seguida da discussão e elaboração de uma apresentação de 5 minutos. 3. <i>Atividade de diagnóstico coletivo da escola nas dimensões:</i> Currículo, gestão e espaço físico.
Módulo III – Nutrir
<i>Objetivo:</i> elaborar, a partir dos novos referenciais e do diagnóstico da escola, propostas de ação e mapear a possível rede de colaboradores internos e externos para as ações em sustentabilidade na escola.
<i>Quinto encontro:</i> 1. <i>Abertura:</i> leitura de poesias dos professores e professoras. 2. <i>Diagnóstico coletivo da escola:</i> trabalho em grupos de 2 a 3 pessoas, cada um responsável por uma das dimensões: a) Currículo; b) Gestão; c) Espaço Físico. 3. <i>Redes:</i> reflexão sobre o trabalho coletivo e redes a partir de uma dinâmica, montagem de painel da rede interna e da rede externa de colaboradores: Comunidade escolar e possíveis parcerias. 4. <i>Vídeo sobre a ComVida.</i>
<i>Sexto encontro</i> 1. <i>Listar e priorizar ações:</i> leitura coletiva das informações colhidas no diagnóstico e montagem de um painel de ações ligadas às dimensões trabalhadas. 2. <i>Plano de Trabalho:</i> construção coletiva.
Módulo IV – Preparação para voar
<i>Objetivo:</i> Estruturar coletivamente as propostas de ação.
<i>Sétimo Encontro</i> Espaço para discussão e elaboração das propostas de ação e estruturação dos produtos – leitura coletiva e discussão.
<i>Oitavo Encontro</i> 1. <i>Abertura</i> 2. <i>Entrega das parciais dos produtos do curso e exposição das propostas.</i> 3. <i>Fechamento com fotos do processo e roda de avaliação final.</i>

Análise dos resultados

Para a análise, os dados produzidos foram abordados em dois grandes temas de interesse: a) formação do grupo e trabalho coletivo; b) dimensões da sustentabilidade. Para o primeiro, foram considerados: a trajetória da formação do grupo, os sentidos atribuídos pelos sujeitos da pesquisa ao trabalho coletivo, as dificuldades e os caminhos trilhados pelo grupo para sua realização na escola. Para a análise da sustentabilidade, foram utilizadas categorias elaboradas *a priori* a partir dos estudos teóricos que orientaram também os eixos temáticos do curso.

VOANDO JUNTOS – FORMAÇÃO DO GRUPO E TRABALHO COLETIVO

Os sujeitos considerados nesta pesquisa são 22 professores que atuam em séries finais do ensino fundamental. São profissionais de diferentes áreas de formação e que

atuam nas disciplinas: ciências naturais, geografia, artes, língua portuguesa, educação física e duas pedagogas atuantes no Serviço de Orientação Educacional.

Como um exercício de aproximação e envolvimento com este trabalho, os professores participantes compartilharam biografias ecológicas². Suas histórias são permeadas de lembranças da infância e adolescência, memórias afetivas relacionadas às pessoas e lugares com quem conviveram e onde viveram experiências junto a ambientes naturais. O famoso “contato com a natureza” se apresentou como importante fator de vínculo com a temática ambiental e o interesse pela sustentabilidade, presente na maior parte dos relatos. Esteve mais evidente a afeição aos ambientes naturais e o que os compõe do que um possível medo do futuro ou projeções catastróficas. Assim como, a responsabilidade frente à situação atual e o apontamento de caminhos se mostraram mais evidentes que a acusação de agentes externos.

O mote para reunião desses sujeitos na composição de um grupo foi a estruturação de uma sala de aula ao ar livre. O anseio comum dos que vieram compor este grupo era mais que apenas dar vida aos projetos, queríamos buscar juntos os caminhos. Consideramos três principais momentos do grupo:

- *Momento inicial* - o grupo dentro da equipe de professores da escola como um coletivo que, de alguma maneira, se reconheceu por desenvolver atividades relacionadas à temática ambiental e sustentabilidade. A tarefa específica com a qual o grupo se envolveu nesse primeiro momento foi a de planejar ações para o espaço físico da escola.

- *Constituição do Grupo de Trabalho e Estudos (GTE)* – formado com o envolvimento na preparação para a IV Conferência Nacional Infância e Juventude do Meio Ambiente (CNIJMA), o GTE prosseguiu em expansão até o primeiro semestre de 2014, com os constantes convites e informes à equipe de professores da escola.

- *Grupo-autor* - este terceiro momento está relacionado a um novo posicionamento do grupo, quando os integrantes reivindicam e atuam na autoria de um programa coletivo de EA e sustentabilidade para a escola.

²Trajber e Sato (2010) propõem, em seu artigo Escolas sustentáveis: Incubadoras de transformações nas comunidades, que os projetos se iniciem com a biografia ecológica de cada pessoa envolvida, fazendo com que cada participante do projeto pense em sua própria vida e perceba quando começou seu interesse pela dimensão ambiental. A anotação desta memória poderá ser feita em qualquer linguagem, desde que registrada em cartaz, fotografia, redação, carta, *blog* ou afins. Trata-se de uma biografia que espelhará a memória de nossa própria existência, no mergulhar de si mesmo à construção de uma ecoidentidade.

As idas e vindas na composição de um coletivo docente

A busca pela compreensão da constituição de um coletivo docente em uma escola pública desafia-nos a captar o pulsar do grupo, um movimento de aproximação e distanciamento de seus membros. O momento que identificamos um *grupo-autor* é marcado por uma reivindicação de autoreconhecimento, que expressa a necessidade de um descolamento do que era próprio do grupo e do que era uma “pesquisa de mestrado” ou um projeto individualizado de uma professora.

Porém, noutros momentos, o grupo se colocava em posição de passividade, uma quase indiferença manifesta na falta de respostas a *e-mails* e nas tomadas de decisões. Cada *e-mail* sem resposta, as negativas evidentes ou veladas para participar das atividades ou mesmo a falta de iniciativa para viabilizar encontros revelavam esse pulsar do grupo.

Havia também outro desafio para nossa atuação: era preciso sincronizar o pulsar da escola e o pulsar do grupo. As reuniões de planejamento, a apresentação da proposta e objetivos do GTE para a equipe escolar, a elaboração das contribuições do grupo para as atividades programadas no calendário escolar e para o PPP eram ações que precisavam ser inseridas em tempos próprios, dentro do pulsar da escola.

Esse movimento de sincronizar nos ajudaria a não perder oportunidades de diálogo com a comunidade escolar e achar momentos oportunos para atuar na escola. Em fases de mudança na escola, como a virada de um ano para outro, nem sempre foi possível ver as linhas que teciam a rede do grupo e perceber quem estava mais próximo, pois havia efetivamente um movimento de idas e vindas.

Ao mesmo tempo, no processo de consolidação do GTE surgiram demandas que reafirmavam a constituição de um coletivo. Dentro do próprio grupo, muitas dessas demandas se apresentavam e encontravam caminhos de solução. O pulsar de cada participante, o pulsar do grupo e o da escola ainda seguiam descompassados, mas reverberava esse movimento de aproximação e distanciamento.

Os sentidos do grupo e do trabalho coletivo

Ao longo do trabalho foi possível acessar a visão dos participantes a respeito dos sentidos atribuídos ao trabalho em grupo. O primeiro sentido refere-se ao grupo como oportunidade de criar uma força política dentro da escola, trazido pelo Professor Azul:

[...]Eu acredito que nós temos que criar um elemento político, em que nós façamos que a direção e o planejamento pedagógico da escola sempre levem em consideração a nossa voz. [...] Porque a coisa é pontual mas é também política. Sempre que você tiver uma ação as pessoas na escola, vão saber

que a galera do Sustenta! tem um posicionamento, o que é fazer parte da vida política da escola. (Depoimento do Prof. Azul no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

A reflexão sobre o grupo como instância coletiva trouxe a retomada das mudanças almeçadas para a escola e a atuação desse coletivo como agente de mudanças:

[...] A ideia é essa, a mudança ela começa em pequenos atos. Aqui na escola é a mesma coisa. Uma aula diferenciada, daí você encontra um professor que pensa e quer mudar, fazer de uma maneira diferente, aí você junta com ele, e vai juntando. (Depoimento do Prof. Amarelo no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno vespertino).

Vários outros depoimentos destacaram a vontade de realizar mudanças como um aspecto que unia as pessoas naquele coletivo. Ao mesmo tempo, os docentes expressam a necessidade de ampliação do espaço de trocas na escola, o fortalecimento de um lugar de escuta e de acolhida. O sentido presente aqui é o do grupo como um lugar de cuidar das relações interpessoais, de fortalecer-se internamente, ao mesmo tempo que se projetam as ações externas.

[...] Só para concluir, eu vi aqui uma palavrinha boa aqui que é a “Troca de Experiências” acho que alguém da manhã colocou no mural [sobre o que o espaço do grupo representa]. (Depoimento do Prof. Verde no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno vespertino).

No trajeto do curso, esses sentidos do grupo conviveram com a proposta de se pensar a sustentabilidade ambiental, com destaques para a relevância do tema. Dessa forma, foi também um exercício de pensar a inserção da escola na discussão sobre a temática em um contexto mais amplo.

DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA

Em relação à compreensão que os participantes do curso construíram sobre sustentabilidade, transcrevemos palavras inseridas no Painel da Sustentabilidade no decorrer do curso:

Futuro, cultura, universo, unidade, vida solidária, integração social, tolerância, troca de experiências, espaço, natureza, verde, preservar para não faltar para as próximas gerações, retorno aos ciclos naturais, escola com diversos tipos de atividades, reutilizar, flexibilidade, cooperação, união, paz e amor.

A dimensão socioeconômica pode ser relacionada às expressões: *futuro, integração social*. A dimensão ecológica a: *preservar para não faltar para as próximas gerações, reutilizar, retorno aos ciclos naturais, natureza, verde, universo*. A dimensão intersubjetiva foi relacionada a expressões como: *vida solidária, tolerância, troca de experiências, flexibilidade, cooperação, união, paz e amor*. Alguns relatos sobre a palavra escolhida para compor o Painel da sustentabilidade reforçam a importância dessa dimensão para os docentes:

(...) eu acredito que na escola ideal é preciso ter espaço para compartilhar saberes, valorização da vida, trabalho em equipe, sabedoria, respeito, que sejam um lar, que tenha prazer, cooperação empatia, sorrisos, abraços, simpatia, liberdade com responsabilidade, altruísmo, sonhos e realizações. (Depoimento da Profa. Laranja no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

A dimensão política da sustentabilidade esteve presente em diversas discussões no decorrer do curso, a exemplo da colocação do professor Rosa quando comenta que o curso o fez sentir-se em uma coordenação efetiva, mas que gostaria de ver uma conexão maior com a gestão escolar. Em sua opinião, essas duas instâncias ainda estavam desconexas na escola, a discussão do PPP nas reuniões de coordenação e o curso Sustenta! O professor reivindicava um maior engajamento com a gestão escolar para que nossas ações tivessem maior suporte e continuidade.

Como passo seguinte, foram elaboradas propostas de ações para a escola a partir de um diagnóstico feito pelos professores. Passamos a refletir sobre a situação da escola, com base na ideia de constituição de *currículo, espaço físico e gestão* que “cuidam e educam”, eixos que orientaram o diagnóstico a partir da proposta de Escolas Sustentáveis (BRASIL, 2010), um dos materiais de estudo do curso Sustenta!

A consideração desses eixos para as ações de um programa de EA e sustentabilidade reforça a ampliação da compreensão das frentes de atuação do grupo para além do espaço físico. Sugere a incorporação de uma visão ampliada de sustentabilidade que compreende as dimensões tratadas nesta pesquisa e afinada com proposta das Escolas Sustentáveis.

NOVOS HORIZONTES, NOVAS ROTAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na experiência registrada e refletida nesta pesquisa, foi preciso cunhar um tempo e espaço para o encontro coletivo, assumir dificuldades individuais e coletivas na rotina escolar, para então começarmos, como componentes de um grupo, a nos posicionar e preparar o terreno para a organização de um Programa de Sustentabilidade na Escola. Sobretudo no ano de 2014, o trabalho docente coletivo foi favorecido no CEF Paranoá, com a oportunidade de participação nas discussões do PPP e o posicionamento favorável da direção com relação ao GTE / Com-Vida.

Os assuntos tratados nas oficinas do curso Sustenta! couberam no espaço-tempo registrado por este trabalho, mas certamente, poderiam ser tratados nas coordenações pedagógicas, como uma possibilidade de pensar a temática ambiental dentro da rotina escolar. O trabalho em grupo com base no cuidado e com uma atenção reflexiva na

comunicação, buscando fortalecer a coerência entre o discurso e a prática, certamente é uma escolha que merece ser considerada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Série Pesquisa volume 3. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BARROS, R. B. **Grupo: A afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2013.
- BOFF, L. **Sustentabilidade e cuidado: um caminho a seguir**. 2011. Disponível em: <<https://boff.wordpress.com/2011/06/16/sustentabilidade-e-cuidado-um-caminho-a-seguir/>>. Acesso em 04 de maio de 2014.
- _____. **Sustentabilidade: tentativa de definição**. 2012. Disponível em: <<https://P9boff.wordpress.com/2012/01/15/sustentabilidade-tentativa-de-definicao/>> Acesso em 04 de maio de 2014.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Temas Transversais, 1998.
- _____. **Processo Formativo Escolas Sustentáveis e Com-Vida**. - Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.
- _____. **Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais**. Brasília, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Ministério do Meio Ambiente; elaboração de texto: Tereza Moreira. Brasília, 2012.
- CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: a Formação do Sujeito Ecológico**. São Paulo: Cortez, 5ª edição. 2004. 258 p.
- Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (ComVida)**. Produtora: Fabrika. MEC/MMA. 25' 06''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o7RFUeolFT4>>. Acesso em abril de 2014.
- GUIMARÃES, M. SOARES, A.M.D. CARVALHO, N.A.O. BARRETO, M.P. **Educadores ambientais nas escolas: As redes como estratégias**. Caderno Cedes. Volume 29, n. 77, p. 49-62. Campinas, 2009.
- LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 494 p.
- LIMA, V. F. **Educação Ambiental: Aspectos que dificultam o engajamento docente em escolas públicas do Distrito Federal**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. 2012.
- MEYER, M. **Ser-Tão Natureza: A natureza em Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- _____. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.
- SANTOS, V.E. **Jardins Educadores: Ensaio sobre agroecologia e permacultura na escola pública**. Dissertação. Universidade de Brasília, 2010.
- TRAJBER, Rachel; SATO, Michèle. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 70-78, 2010.